UTILIZAÇÃO DA ERITROPOIETINA EM PACIENTES FELV POSITIVO

Autor(res)

Douglas Evandro Dos Santos
Rafael Silva Mira
Breno Marcus Araujo Campos
Maria Anita Leão Almeida Dantas
Bruna Moura De Oliveira Sant'Ana
Ingrid Santana Dos Santos
Alice Santos Santana

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

UNIME LAURO DE FREITAS

Introdução

A eritropoietina (EPO) é um hormônio produzido pelos rins que estimula a produção de glóbulos vermelhos. Em gatos infectados pelo vírus da leucemia felina (FeLV), a supressão da medula óssea leva à anemia grave, uma das complicações mais comuns da doença. O uso de eritropoietina recombinante como tratamento visa corrigir essa anemia, melhorando a qualidade de vida dos pacientes. No entanto, a eficácia e os efeitos adversos desse tratamento ainda são objeto de estudo.

Objetivo

Artigo apresentado a fim de explorar a terapia com a utilização da eritropoietina no tratamento de anemia em gatos com Vírus da Leucemia Felina (FELV+), avaliando seus efeitos na saúde dos pacientes.

Material e Métodos

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em uma revisão de literatura, buscando informações em artigos científicos, sites e livros sobre o uso da eritropoietina em gatos FELV positivos. O foco principal esteve nos dados sobre o fator epidemiológico, sintomas, causas, prognóstico e a eficácia da terapêutica aplicada. Também foram considerados relatos de caso presentes nessas bibliografias, oferecendo uma visão abrangente sobre os prós e contras dessa abordagem terapêutica.
Essa metodologia permite uma análise detalhada e baseada em evidencias do tema, embora seja limitada pela dependência de estudos prévios e a não

inclusão de novos dados clínicos, ou resultados experimentais vivenciados pelos autores.

Resultados e Discussão

O Vírus da Leucemia Felina (FELV - Feline Leukemia Virus) é uma infecção viral que afeta gatos, enfraquecendo o sistema imunológico, causando anemia, imunodepressão, mielopatias, neuropatias e neoplasias.

É um vírus altamente contagioso, de prognóstico grave, onde a transmissão ocorre principalmente através de fluidos corporais, como a saliva, urina e as fezes dos gatos infectados, podendo também ocorrer por meio de contato com o sangue, que pode acontecer em situações como mordidas, ou feridas abertas entre gatos. Raramente, pode ocorrer também a infecção por meio do acasalamento, já que o vírus se encontra presente da mesma forma nas secreções genitais dos animais.

A principal forma de prevenir a FELV é a vacinação, o calendário vacinal deve ser iniciado entra dois a três meses de vida do gato, geralmente são administradas duas doses, com o intervalo de até um mês, após a série inicial deve ser aplicada anualmente a dose de reforço. O calendário pode ser alterado conforme recomendação do médico veterinário, especialmente em casos onde o animal tem acesso a rua e convive com outros gatos não vacinados. Nas situações onde houver um gato adulto, ainda não vacinado, este deverá ser testado para FELV, antes de dar inicio ao protocolo vacinal.

Para diagnosticar a infecção por FELV os métodos mais utilizados são: ELISA, que detecta a presença do antígeno do vírus no sangue do animal, é um teste rápido, porém nem sempre conclusivo – apresenta resultados de falso negativo, principalmente em casos de janela imunológica, imunossupressão, variabilidade do vírus e até mesmo erro de coleta e manuseio do teste. PCR, teste que detecta o DNA do vírus, é menos propenso a resultados inconclusivos, mas em casos onde a carga viral está muito baixa e até mesmo erros técnicos, podem também apresentar resultados de falso negativo. Um hemograma completo também pode ser solicitado pelo médico veterinário, pois através deste é possível diagnosticar anormalidades hematológicas, como a anemia, por exemplo, que é bastante comum em gatos infectados.

Em caso de diagnóstico positivo alguns procedimentos precisam ser realizados para o bem estar animal e evitar a transmissão do vírus. O primeiro passo é o isolamento do gato infectado, evitar o contato com outros gatos não infectados. Caso haja outros gatos no mesmo ambiente, é de suma importância testar todos, a fim de dar início ao controle adequado da infecção. Após a confirmação do diagnóstico o monitoramento a saúde do gato infectado se torna uma rotina, com consultas regulares e a realização de hemogramas frequentes para detectar sinais de doenças secundárias. Uma alimentação nutritiva e rica em ingredientes saudáveis, para melhorar a imunidade.

O prognóstico da doença depende de vários fatores como o estágio, o estado

clínico geral do gato, o sistema inume e a qualidade dos cuidados recebidos também influenciam no tratamento e sobrevida do animal, animais em um ambiente livre de estresse respondem melhor aos tratamentos.
A FELV não tem cura, porém o tratamento tem como objetivo controlar os sintomas, tratamento das doenças secundárias e cuidados paliativos.
O tratamento dos sintomas pode ser realizado de diversas maneiras, os pacientes respondem bem a utilização de anti-inflamatórios, medicamentos imunossupressores para reforçar o sistema imunológico e também a eritropoietina, com o estímulo a produção de glóbulos vermelhos para controle da anemia, que pode ocorrer devido a repressão da medula, contribuindo para aumentar a oxigenação e diminuindo a gravidade dos sintomas. Em casos de animais que evoluem para o quadro de neoplasias, como o linfoma, por exemplo, tratamentos quimioterápicos são necessários para manter a sobrevida do gato infectado. Em estados avançados da patologia, cuidados paliativos são requeridos para garantir conforto e aliviar o sofrimento do animal acometido. Em último caso, quando o animal não apresenta mais qualidade de vida e após avaliar todas as alternativas para a manutenção da qualidade de vida, se os sintomas apresentarem uma deterioração significativa da saúde, a eutanásia precisa ser considerada pelo tutor, em discussão com o médico veterinário responsável pelo cuidado a saúde do gato

Conclusão

É possível concluir que o estudo sobre a FELV é de extrema importância, pois se trata de um vírus altamente contagioso com prognóstico grave, além de ter como principais fontes de transmissão o sangue e os fluidos corporais (saliva, urina e fezes do gato infectado). Portanto, para prevenir o contágio deve se realizar testes nos gatos possivelmente contaminados e isolar o gato infectado. Ademais, por se tratar de uma doença sem cura, os animais contaminados fazem cuidados paliativos, como a utilização de anti-inflamatórios, imunossupressores para reforçar o sistema imunológico e a eritropoietina, que estimula a produção de glóbulos vermelhos para o controle da anemia, sempre em busca do bem-estar do animal.

Referências

Stützer, B.; Muller, F.; Majzoub, M.; Lutz, H.; Greene, C.E.; Hermanns, W.; Hartmann, K. Role of latent feline leukemia virus infection in nonregenerative cytopenias of cats. J Vet Intern Med 2010, 24, 192-197.
Barlough, J. E, Ackley, C. D., George, J. W., Levy, N., Acevedo, R., Moore, P. F., Rideout, B. A., Cooper, M. D. & Pedersen, N. C. (1991). Acquired immune dysfunction in cats with experimentally induced feline immunodeficiency virus infection: comparison of short-term and long-term infections. Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes, 4(3), 219-227.
Barr, M. C. & Barr, S. C. (2008). Infecção pelo vírus da leucemia felina. In:

TILLEY, L. P.; SMITH JUNIOR, F. W. K. Consulta Veterinária em 5 minutos: espécies canina e felina. 3. ed. Barueri: Manole, 814-815.